

SOLANO BENITEZ

SOLANO BENÍTEZ

ASSOCIAÇÃO ESCOLA DA CIDADE

ARQUITETURA E URBANISMO

presidente | **Anália Maria Marinho de Carvalho Amorim**

1º vice-presidente | **Marta Inês da Silva Moreira**

NÚCLEO ENSINO

diretor | **Ciro Pirondi**

coordenador do conselho de graduação | **Álvaro Puntoni**

EDITORA DA CIDADE - Coleção Arquiteturas

editor Escola da Cidade | **Anderson Freitas**

editor Hedra | **Jorge Sallum**

corpo editorial | **Anderson Freitas, Carlos Ferrata, Cesar Shundi,**

Eduardo Ferroni, Pablo Hereñú, Pedro Barros

organização e coordenação | **Anderson Freitas, Pablo Hereñú**

revisão | **Iuri Pereira**

texto de apresentação | **José Maria Sáez**

texto de introdução | **Pablo Hereñú**

texto dos memoriais dos projetos | **Anderson Freitas, Pablo Hereñú**

transcrição da entrevista | **Mirela Caetano**

versão para o inglês | **Irene Sinnecker Levin**

projeto gráfico | **Sara Goldchmit**

produção editorial e editoração eletrônica | **Rodrigo Oliveira**

desenhos técnicos | **Mirela Caetano, Rodrigo Oliveira**

impressão | **Yangraf**

capa **Sara Goldchmit** *sobre* Casa L.A., Presidente Hayes PAR, 2005

p.2 **Solano Benitez**, croqui sobre o território Paraguaio

SOLANO BENÍTEZ

organização
ANDERSON FREITAS | PABLO HEREÑÚ

2012, SÃO PAULO

HEDRA :: EDITORA DA CIDADE



ÍNDICE

- 07 APRESENTAÇÃO · José María Sáez
- 09 INTELIGÊNCIA DE INTERESSE SOCIAL · Pablo Hereñú

- 17 GABINETE DE ARQUITETURA
- 29 CENTRO SOCIAL DE APOSENTADOS
- 35 COMPLEXO RECREATIVO SITRANDE
- 47 OFICINA MECÂNICA
- 53 SEDE DA UNILEVER
- 67 QUATRO VIGAS
- 77 RESIDÊNCIA ESMERALDINA
- 87 RESIDÊNCIA ABU & FONT
- 103 RESIDÊNCIA L.A.
- 117 EDIFÍCIO ALAMBRA
- 131 SEDE DO PARTIDO COMUNISTA
- 139 RESIDÊNCIA R.P.
- 149 CENTRO DE REABILITAÇÃO INFANTIL TELETON
- 171 RESIDÊNCIA PATIÑO

- 185 ENTREVISTA
- 196 FICHA TÉCNICA
- 198 ENGLISH VERSION

José Maria Sáez

APRESENTAÇÃO

José Maria Sáez nasceu em Ávila, Espanha, em 1963. Arquiteto pela Universidade Politécnica de Madrid. Docente fundador e diretor, entre 2001 e 2002 da Faculdade de Arquitetura, Diseño y Artes da Universidade Católica de Quito. É professor convidado de universidades no Equador, Argentina, Peru, Espanha e Estados Unidos.

Em novembro de 2004, durante a Bienal de Arquitetura de Quito, Solano Benítez se apresentou pela primeira vez no Equador. Ninguém no país conhecia seu trabalho. Quando escutamos Solano, tivemos uma sensação de surpresa e maravilha que poucas vezes ocorre. Não apenas por descobrir algo magnífico e oculto até aquele momento, mas pelo privilégio de descobri-lo diretamente através das palavras do próprio arquiteto. Ouvi-lo em conferência multiplica a carga emocional de sua arquitetura, pois sua capacidade transbordante de comunicação pode comover qualquer auditório e em qualquer idioma, e suspeito que até naqueles que ele desconhece.

Solano inventa. Seduz porque, na hibridização de seus mecanismos mentais, produz algo novo. Inventa por que tem que inventar, quando o ponto de partida é trabalhar com recursos escassos, com o que se tem à mão. O portão de acesso ao pátio de sua casa é a somatória horizontal das portas que sobram ao remover as paredes dessa mesma casa. Em suas obras, o desenho das janelas se baseia em como utilizar vidros reciclados que não se ajustam ao tamanho dos buracos. Há que inventar, obrigatoriamente. Mas Solano inventa também

porque quer inventar. Porque repensa a arquitetura, sua origem e suas possíveis soluções, e a coloca diante de nós, nua, intensa: estrutura protagonista, construção sem intermediários, sem acabamentos, sem disfarces, sem domesticar.

Solano é humano, muito humano. E sua tarefa é humanizar a arquitetura, ampliar as relações entre as coisas e nós, dar-lhes sentido. Sua arquitetura nos conecta com a realidade, com o clima, com a gravidade, com nós mesmos, com os outros. “A grande literatura é apenas uma linguagem carregada de sentido até ao mais elevado grau possível” diz a famosa frase de Ezra Pound. Por isso a arquitetura de Solano é grande arquitetura. Porque a carrega intensamente de significado. Ao mesmo tempo barroca e despojada: complexa, como ele mesmo. Pode usar a colagem como estratégia de integração de recursos, ou a diagonal como intensificadora de conexões. E pode reduzir toda a obra a um só material unificador, como o tijolo, que chega a ser estrutura, piso, janela, mobiliário. Simplifica os processos construtivos, utiliza o despojamento como estratégia: colocar o menos possível; tirar inclusive, como nessas colunas em

que elimina uma fatia de concreto e deixa visíveis as ferragens, desafiando nossa percepção sobre a capacidade portante da estrutura e voltando nosso olhar para a condição de gravidade e de equilíbrio. Nesse processo de destilação, a arquitetura se faz direta, se intensifica, alcança o poético. Ao fim e ao cabo, sua melhor obra é um vazio e um espelho. O mais sagrado está na ausência e em nós mesmos.

Solano nos aproxima. Por isso, em seu caso a admiração não põe distancia. De nossa parte, um abraço de cercania e de carinho, ao que faz e ao que é.

Quito, 2011

Pablo Hereñú

Pablo Hereñú é arquiteto e urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAUUSP em 2001 e Mestre pela mesma instituição em 2007. Titular da empresa H+F Arquitetos desde 2002, em sociedade com Eduardo Ferroni. Professor de projeto na Escola da Cidade, São Paulo, desde 2002 e professor visitante da University of Florida - EUA desde 2007.

INTELIGÊNCIA DE INTERESSE SOCIAL

Aproximar-se da obra de Solano Benítez e seu Gabinete de Arquitectura não é tarefa fácil e requer abertura e disposição de quem se proponha a fazê-lo. A linguagem de seus projetos não se enquadra com facilidade nas classificações correntes; as imagens produzidas durante o desenvolvimento dos projetos não recorrem ao apelo visual ao qual nosso olhar habituou-se nos últimos anos; registros de plantas e cortes são escassos e, quando os encontramos, não correspondem ao espaço construído que deveriam representar; seus métodos de trabalho são extremamente heterodoxos e a aparente rusticidade construtiva de muitas das obras esconde um grau de sofisticação técnica incomum.

O estranhamento inicial que esses trabalhos provocam é sucedido por fascínio e curiosidade. Sente-se a necessidade de compreendê-los, pois de alguma maneira pode-se intuir a inteligência expressa através dessas construções: “Somos especialistas em fazer tudo aquilo que não sabemos fazer”.¹

A obra de Solano é, acima de tudo, de uma coragem notável. O arquiteto e sua equipe de colaboradores e consultores assumem altos riscos ao operar frequente-

mente num âmbito técnico ainda alheio à normatização; ao iniciar a obra com um grau de indefinição inaceitável para os padrões da construção civil comercial; ao transformar toda obra num canteiro experimental e ainda fazer tudo isso comprometidos com orçamentos extremamente limitados.

Observa-se no conjunto de suas obras uma grande liberdade formal e um desprendimento em relação ao possível desenvolvimento de uma linguagem. As sucessivas investigações técnicas e formais incorporam continuamente aspectos circunstanciais que levam a uma constante reformulação de soluções. Se existe alguma unidade em seu trabalho, esta não se encontra nas respostas dadas aos problemas encontrados, mas sim no modo como são elaboradas as perguntas.

Se nos projetos mais recentes o tijolo cerâmico é o material de maior destaque, isso se deve às circunstâncias atuais. A obra de Solano revela que não há um material preferido *a priori* e que as particularidades de seu modo de operar são experimentadas com diversas técnicas construtivas. Entre os trabalhos realizados no início de sua carreira podemos encontrar ensaios com



estruturas metálicas – um pavilhão temporário para uma marca de refrigerantes, a sede da agência Publipar, a cobertura da fábrica de colchões Superspuma ou a exposição para a União Industrial Paraguaia – de madeira – acessos do hospital Emergências Médicas, loja de móveis Guggiari e complexo Sitrande (p. 35) – e com elementos cerâmicos – escritórios para Aliesa, casa Demelene e casa Fanego. A escolha por um ou por outro é determinada pela disponibilidade do material e pelos valores de mercado no momento da obra.

Modernidade

Solano se assume como um arquiteto moderno, porém entende a modernidade como a aceitação e superação, e não a negação, das limitações e contradições nas quais opera a arquitetura no contexto paraguaio. A ferramenta para essa superação é a inteligência, que localiza nos meandros dessas limitações os elementos necessários para excedê-las.

Encaradas dessa maneira, as condicionantes produtivas das obras – qualidade da mão-de-obra, qualidade dos materiais de construção, disponibilidades orçamentárias – deixam de ser fatores limitantes das possibilidades de projeto e passam a ser a matéria-prima sobre a qual se estrutura o raciocínio arquitetônico.

A obra que resulta desse raciocínio poderia ser a materialização do poema abaixo, de Paulo Leminski:

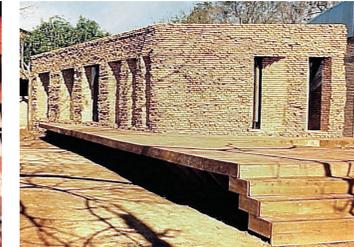
isso de querer
ser exatamente aquilo
que a gente é
ainda vai
nos levar além.²

Ferramentas de projeto: Excel versus CAD

O problema da representação e das ferramentas de projeto na obra de Solano Benitez levanta discussões que merecem atenção. No início da carreira, o desen-

1. Trecho extraído de entrevista realizada com o arquiteto em abril de 2010.

2. LEMINSKI, Paulo. *distraídos venceremos*. São Paulo: Brasiliense, 1987.



volvimento pleno do projeto, com todo o seu detalhamento minuciosamente elaborado previamente à execução, era encarado como necessário. Essa convicção cai por terra com as primeiras experiências de obra, nas quais grande parte dos desenhos era desprezada e as soluções adotadas eram decididas invariavelmente com base em seu custo final. A decisão de assumir a execução das obras surgiu de uma imposição das circunstâncias. Nos primeiros anos de atividade profissional, diante das escassas encomendas de projetos, o arquiteto se mantinha financeiramente executando pequenas reformas de baixo orçamento. Era durante o processo de construção, através da busca por soluções mais econômicas, que conseguia ganhar algum dinheiro. Durante esse período, Solano conta que aprendeu quão determinantes são os fatores econômicos sobre as decisões de projeto e que o controle sobre esses fatores fica, geralmente, nas mãos do responsável pela construção.

Na página ao lado, Pavilhão para a Coca-Cola, Agência Publipar e Exposição para UIP. Nesta página, acesso do Hospital Emergências Médicas, Loja Guggiari e Escritórios Aliesa.

A partir dessas experiências o escritório adotou como premissa básica ao fazer um projeto assumir simultaneamente a execução da obra. O processo se inicia usualmente com a apresentação de uma solução espacial-formal bastante preliminar, através de desenhos técnicos esquemáticos, modelos de estudo tridimensionais – geralmente confeccionados com isopor branco – e da comprovação da viabilidade econômica da proposta através de planilhas quantitativas e orçamentárias detalhadas, de modo a convencer o cliente a realizar a construção. Uma vez iniciada, a obra se transforma em um canteiro experimental, onde o programa de elaboração de planilhas é muito mais decisivo que o de elaboração de desenhos e onde a maquete de estudo é o próprio edifício em execução. Soluções construtivas são prototipadas no canteiro e em seguida planilhadas, de modo a verificar sua viabilidade ou a necessidade de se buscar alternativas. Com certa frequência, elementos adotados surgem de oportunidades de compra excep-

cionais em saldos de lojas de materiais de construção ou da eventual disponibilidade de restos de demolições.

No interior desse processo de produção, a representação gráfica da construção passa a ser secundária, quando não é completamente desnecessária. Em muitos casos ela sequer ocorre, ou ocorre posteriormente, como um registro “*as built*” de natureza burocrática.

Os produtos materiais (ou digitais) resultantes desses procedimentos de projeto são de natureza não midiática, pois o processo de concepção prévio à execução não se preocupa em produzir imagens que possam ser consumidas nem pelos clientes e nem pelas mídias especializadas. Os registros fotográficos das obras mais antigas revelam um interesse em documentar os processos construtivos experimentados e um desinteresse em produzir imagens sedutoras de edifícios concluídos. Os espaços produzidos, como em toda grande arquitetura, demandam para sua apreensão uma experiência sensorial plena, da qual a fotografia é capaz de registrar uma parcela mínima.

A excepcionalidade dos procedimentos desenvolvidos até o momento gerou uma obra cujo sucesso, no sentido de sua sucessão, depende diretamente da figura do arquiteto e sua equipe. Ciente das limitações determinadas por processos tão pessoais, Solano há algum tempo vem trabalhando, junto a universidades e centros de pesquisa, na elaboração de normas e parâ-

metros legais vinculados às tecnologias desenvolvidas. Com a criação de um marco legal para sua aplicação, essas técnicas passam a ser conhecimento produzido e ferramentas disponíveis para um universo ampliado de profissionais no Paraguai e no resto do mundo.

Aberturas

A curiosidade que caracteriza a abordagem de Solano sobre qualquer elemento de projeto fica explícita se observarmos as soluções para as aberturas desenvolvidas em suas obras. Portas e janelas não são encaradas como questões resolvidas para as quais existe uma gama de dispositivos dados dos quais se adotam alguns e pronto. Possibilidades materiais e mecânicas são continuamente experimentadas e produzem, eventualmente, invenções.

Quando é convidado a apresentar projetos, Solano costuma citar um exemplo de como a inteligência associada à curiosidade pode produzir pequenas maravilhas. Certo verão, a faxineira de seu escritório, diante da necessidade de varrer o pátio externo, mas consciente do risco de contrair dengue através das picadas dos mosquitos, resolveu fixar com um prego a espiral repelente no cabo da vassoura inventando um dispositivo “anti-dengue” eficiente e espantosamente simples que lhe permitiu realizar seu trabalho de maneira segura.

Ao lado, painel de correr na casa Itaguá, arranjo de portas na casa Benitez e entradas de luz em Teleton. Abaixo, porta de entrada da casa L. A. e abertura de porta na casa Itaguá.



Aproximar-se da obra de Solano Benítez e seu Gabinete de Arquitectura não é tarefa fácil. A linguagem de seus projetos não se enquadra com facilidade nas classificações correntes; as imagens produzidas durante o desenvolvimento dos projetos não recorrem ao apelo visual ao qual nosso olhar habituou-se nos últimos anos; registros de plantas e cortes são escassos e, quando os encontramos, não correspondem ao espaço construído que deveriam representar, seus métodos de trabalho são extremamente heterodoxos e a aparente rusticidade construtiva de muitas das obras esconde um grau de sofisticação técnica incomum. O estranhamento inicial que esses trabalhos provocam é sucedido por fascínio e curiosidade. Sente-se a necessidade de compreendê-los, pois de alguma maneira pode-se intuir a inteligência expressa através dessas construções.

"Somos especialistas em fazer tudo aquilo que não sabemos fazer" (Solano Benítez)



9 788577 152830